

‘SOLTA A BATIDA, DJ’: A UTILIZAÇÃO DO *FUNK* NO ENSINO DE HISTÓRIA

Yane da Rocha Magalhães¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a pesquisa feita com relação ao gênero musical *funk*, levando em consideração que ele é um ritmo importado, mas bastante popular nas manifestações artísticas que nasceram das comunidades periféricas do Brasil – e ainda sim bastante estigmatizado por parte da população. Portanto, pretende-se desmitificar preconceitos existentes e aproximar o *funk* do ensino de história nas escolas públicas. Optou-se aqui por uma metodologia do tipo bibliográfica, dentro de uma abordagem qualitativa, a partir da leitura reflexiva e interpretativa de alguns autores como Oliveira (2017), Arnodt (2019), Ribeiro (2018) e Bittencourt (2008). Concluímos nesse artigo que o preconceito e a marginalização do *funk* estão ligados às raízes do racismo e que a utilização deste ritmo, no ensino de história, é importante para a valorização da cultura local, além de fugir de um ensino tradicional, possibilitando a entrada de um elemento inovador que aproximaria professores e alunos por meio da música.

PALAVRAS-CHAVE: *Funk*. Ensino de História. Desigualdade. Racismo.

‘DJ, DROP THE BEAT’: THE USE OF FUNK IN HISTORY TEACHING

ABSTRACT

This article aims to present a research about the Brazilian musical genre funk, taking into consideration that it is an imported rhythm that became very popular in the artistic manifestations that were born in the favelas of Brazil, and that is still stigmatized by a large amount of the population. Therefore, we intend to demystify pre-existent prejudices, and bring funk closer to the history teaching in public schools. We opted for a bibliographic methodology, within a qualitative approach from an interpretative and reflexive reading of authors such as, Oliveira (2017), Arnodt (2019), Ribeiro (2018), and Bittencourt (2008). We concluded through this article that the prejudice and marginalization of funk are tied to the roots of racism, and that the use of this rhythm in history lessons is important to the valorization of the local culture, in addition to escaping from traditional education, allowing the entry of an innovative element that would bring together teachers and students through music.

KEYWORDS: Funk. History Teaching. Inequality. Racism.

¹ Licenciada em História e bacharelada em Direito pela Universidade Federal do Acre (Ufac).
E-mail yanemagalhaes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Levando em consideração que o *funk* tem muita força na juventude das favelas e é um gênero que, predominantemente, tem como cantores (MC's) pessoas negras e pobres que cantam o dia-a-dia das comunidades, quem escuta esse ritmo é comumente chamado de vulgar, sem cultura e classe. O preconceito com ele é tão forte, que temos vários casos de repressão policial em bailes *funk* e tentativas de criminalizar esse gênero musical, como, por exemplo, o “Baile da gaiola”, no Rio de Janeiro, que em 2019 sofreu uma intervenção que terminou com quatro pessoas feridas e, no mês seguinte, outra que deixou mais 70 pessoas com ferimentos.²

As letras dos *funks* também são esnobadas e consideradas vulgares, violentas e sem conteúdo por algumas pessoas. Mas temos vários exemplos que fogem desses julgamentos, como o *Rap da Felicidade*, que é um *funk* cantado pelo Cidinho & Doca, no qual há o seguinte verso: “Eu faço uma oração a santa protetora, mas sou interrompido a tiros de metralhadora”. Podemos perceber que nele é denunciada a violência nas favelas brasileiras. Também há a existência outras músicas que denunciam o racismo e a desigualdade, além das letras que exaltam o amor, a cultura brasileira e o empoderamento feminino.

Porque, então, esse ritmo é considerado tabu, sofre tantas críticas e é ameaçado de criminalização? Por que não o levar à sala de aula para ser analisado pelos estudantes? O *funk* representa muitos jovens brasileiros e, portanto, é uma linguagem que eles entendem, pois muitos cresceram escutando esse ritmo e se identificando com o que é cantado. Por esse motivo, ele pode ser utilizado como forma de ensino, principalmente na história, já que muitas dessas músicas têm críticas sociais que casam perfeitamente com assuntos discutidos na disciplina.

A justificativa deste trabalho se dá pela necessidade de trazer ao ensino de história nas escolas a possibilidade de um diálogo direto com os estudantes por meio da música. Onde é preciso tirar a ideia de um ensino tradicional, trazendo como sugestão uma aula inovadora com um gênero musical bastante estigmatizado. O movimento do *funk* tem relevância e seu debate ajuda a levar os estudantes à construção de um pensamento crítico sobre a realidade nas periferias de todo o Brasil, desmitificando alguns preconceitos existentes. Além disso, aproxima os alunos de um ritmo que gostam de escutar.

Temos como objetivo aproximar o gênero musical *funk* do ensino de história das escolas públicas, contextualizando seu surgimento no Brasil, problematizando a demonização dele em nossa

² Sobre a intervenção policial. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/entretenimento.r7.com/musica/por-que-rennan-da-penha-e-o-baile-da-gaiola-causam-tanta-polemica-05102019%3famp>. Acesso em: 19 set. 2021.

sociedade e propondo sua utilização nas salas de aulas. Optou-se aqui como referencial teórico e metodológico a leitura reflexiva e interpretativa de livros e artigos que dialogam com a temática escolhida nesta pesquisa. Com isso, podemos abordar a temática de maneira clara e objetiva e sugerir métodos de ensino voltados à história e música. Temos como referência alguns autores que abordam o surgimento do *funk* no Brasil como: Lucas Costa Oliveira (2017), Jason Patrick Arnodt (2019), Reginaldo Aparecido Coutinho (2015), Julien Moretto (2015), Deivid de Souza Soares (2019). Além disso, temos como referência do ensino de história a autora Circe Maria Fernandes Bittencourt (2011), Erika Minas Ribeiro (2018), Rosana de Menezes Santos (2014) e Célia Maria David (2012).

2. A CULTURA DO *FUNK* NO BRASIL

O funk é um ritmo musical muito escutado no Brasil, sendo uns dos principais ritmos que embalam as noites das cidades brasileiras e chegando ao TOP50 das músicas mais escutadas em plataformas de *streaming* ou rádios. Embora seja muito popular, ele é também bastante polêmico por ter letras que são sensíveis aos ouvidos de algumas pessoas, pois retrata o cotidiano das comunidades periféricas do Brasil. São muitos os ataques que o movimento do *funk* sofre, por não ser considerado motivo de orgulho da cultura brasileira ou nem ser considerado cultura, apesar de que “a cultura é tudo aquilo que o ser humano elabora e produz simbólica e materialmente” (BOTELHO, 2001, p. 74). Portanto, gostando ou não desse ritmo, ele tem força nas manifestações culturais brasileiras.

Apesar de todo esse sucesso no País e de ter uma identidade só nossa, o que faz com que o ritmo aparente ser originalmente brasileiro, o *funk* não surgiu no Brasil. É, na verdade, importado dos Estados Unidos e, como aqui, é símbolo da cultura negra:

[...] o funk nasceu nos Estados Unidos da América e tem origem na gíria “*funky*” que pejorativamente era sinônimo de mau cheiro e ofensivo. Esta palavra passou a ser símbolo da cultura do orgulho negro, transcendendo o estilo musical à forma de se viver, as roupas a serem usadas, a linguagem e diversas outras formas que caracterizam o comportamento humano, radicalizando a *soul music* [...]. (OLIVEIRA, 2017, p. 28).

Mesmo sendo importado, ele rapidamente ganhou seguidores no Brasil e se espalhou pelas favelas brasileiras, sendo considerado hoje patrimônio cultural imaterial do Rio de Janeiro, através da Lei 5.543/2009³: “Mas ao mesmo tempo que começa a ganhar adeptos, o funk passa a conviver com

³ Lei Estadual nº 5543. Disponível em: http://www.tjrj.jus.br/c/document_library/get_file?uuid=2cdb1f42-ddeb-41f1-ad6d-bc819a3dbfde&groupId=10136. Acesso em: 20 set. 2021.

os estigmas e preconceitos que carregaria para sempre, deixando de ocupar a parte cultural dos jornais, para estampar as notícias policiais” (OLIVEIRA, 2017, p. 31).

Isso acontece justamente porque esse ritmo é culturalmente negro, portanto é consumido e produzido por pessoas negras que denunciam nas letras o racismo, o preconceito e as desigualdades sociais. Além de tudo isso, falam abertamente sobre a violência policial e sobre o dia-a-dia nas comunidades do País, evidenciando também a cultura popular brasileira que vem das favelas. De certa forma, isso incomoda porque o *funk* é associado ao tráfico, à pobreza e ao crime, como aponta Arnoldt (2019):

Após essa breve digressão histórica, é possível perceber que a guerra ao funk, à favela e a manifestações artísticas populares oriundas desses espaços é, na verdade, uma forma de mascarar um preconceito que tem longa raízes. Um preconceito que tem origens escravista, racial e que ainda hoje tenta relegar a população habitante da favela às margens, à pobreza e à exclusão. É relevante destacar que não é só o aspecto musical que incomoda, – o problema não é só a música funk –, a complicação encontra-se no fato de que o personagem proveniente das favelas é protagonista de sua própria história e também colhe os frutos desse protagonismo e passado vergonhoso. (ARNOLDT, 2019, p. 27).

Outro autor que aborda isso em seu artigo seria o Coutinho (2015), que cita:

Todavia, o funk, assim como o hip-hop, com a dimensão que começou a ganhar na década de 1990, foi duramente atacado e classificado pela crítica como instrumento utilizado pelos grandes traficantes de drogas para recrutarem jovens para a vida do crime e do vício. Isso se deu, em parte, pela grande aceitação que o funk começou a ter entre diferentes segmentos sociais da juventude carioca e também porque ele, assim como outras manifestações artísticas de caráter popular no Brasil, como por exemplo o samba, carregou o estigma de manifestação cultural ligada às populações pobres e de periferia. (COUTINHO, 2015, p. 522).

Embora ainda exista o preconceito com esse ritmo, é possível ver o crescimento dele nos últimos anos, não somente nas favelas e comunidades, mas também entre outras classes da sociedade. Assim como o samba, que hoje é patrimônio cultural brasileiro e sua matriz nasceu da música do candomblé, o *funk* começa a ser valorizado pela elite brasileira.

Historicamente percebemos que diversas culturas originárias das classes operárias no Brasil despertaram a atenção da burguesia. Do samba à capoeira, passando pelo forró e agora o funk. O que todas essas culturas têm comum é serem originadas das periferias e comunidades de baixa renda e serem ou estarem sendo apropriadas pela elite brasileira. (MORETTO, 2015, p. 21).

O *funk*, por sua vez, é uma manifestação artística muito importante, pois, apesar desses estigmas, acrescenta debates ricos sobre as desigualdades no País, sobre o racismo, e também fala sobre o empoderamento feminino, quando as mulheres falam abertamente acerca de assuntos relacionados

à sexualidade. Afora isso, dá a oportunidade para pessoas mostrarem sua arte, colabora com a pauta LGBTQI+, levando em conta que várias pessoas que lutam por essa causa se expressam também através da música. As manifestações culturais que são feitas através desse ritmo são muito ricas e dão oportunidades a todos.

Em suma, o *funk* é um ritmo muito polêmico. Há muitas pessoas que o apoiam e várias outras que demonizam de maneira dura quem aprecia. Precisamos assumir um papel de desmitificação da ideia de que o *funk* é um gênero musical vazio e sem cultura, como muitos ainda acham. Portanto, é preciso apresentar formas de levar um elemento da cultura periférica para dentro da sala de aula, aproximando ele de assuntos relevantes ao ensino de história das escolas.

3. O FUNK NAS ESCOLAS: ALGUNS DESAFIOS

Algumas escolas brasileiras ainda trabalham com um ensino tradicional em que o professor apenas se preocupa em fazer os alunos aprenderem o conteúdo de maneira maçante, sem participação dos estudantes em sala de aula, onde a eles é dado o papel de reprodutor do conhecimento, sem participação efetiva, já que são designados apenas a decorar: “O ensino também tem a prática da metodologia positivista, torna-se desinteressante e repetitiva, adotando uma visão eurocêntrica, provocando um desinteresse do aluno” (SANTOS, 2014, p. 163). É importante usar novos métodos de ensino, que façam com que os estudantes se interessem pelo assunto estudado. Por isso é imprescindível a utilização de documentos, textos, imagens, filmes e a música. Tudo isso visando ao enriquecimento da aula e à valorização das vivências e culturas dos alunos.

Por esse motivo que é importante pensar em novas formas de fazer e ensinar história, para que os alunos aprendam efetivamente e reflitam de maneira crítica a sua realidade, e podemos fazer isso através da música: “A música tem se tornado objeto de pesquisa de historiadores muito recentemente e sido utilizado como material didático com certa frequência nas aulas de história” (BITTENCOURT, 2008, p. 378). Quase todas as pessoas do mundo têm contato com ela diariamente e usá-la em sala de aula aproxima o professor dos alunos, pois é algo que está presente na vida dos estudantes. Basta observar, no interior dos colégios, que, quase todos os dias, os alunos chegam com um fone de ouvido no pescoço, por isso:

Privilegiar a linguagem musical no ensino de História significa construir conhecimento, por meio de um recurso didático motivador e prazeroso que envolve larga possibilidade de trato metodológico. Para tanto, faz-se necessário, principalmente, reconhecer que a música é arte e conhecimento sociocultural, portanto, uma experiência cotidiana na vida do homem. (DAVID, 2012, p.1).

Sendo assim, é importante usar ritmos conhecidos pelos estudantes, para ser construído com eles um conhecimento e uma análise. O *funk* foi escolhido justamente por ser muito consumido pela cultura jovem, e chama a atenção dos alunos, possibilitando a abertura de um debate sobre esse gênero musical. Portanto, é preciso primeiramente vencer algumas dificuldades colocadas pela própria escola.

É importante salientar que alguns colégios se mostram resistentes em relação à utilização do *funk* e de outros elementos da cultura jovem. Isso acontece porque os alunos são vistos como pessoas sem identidade ou particularidades, logo precisam ser moldados de forma “padrão” para se tornarem bons cidadãos. Nisso se pode incluir a forma de vestimenta considerada adequada, corte de cabelo e até mesmo gênero musical escutado pelos estudantes.

Assim como o funk, as culturas juvenis têm dificuldades de serem reconhecidas e percebidas nos contextos escolares. Portanto, ao problematizar o funk como uma das culturas juvenis, enfrenta-se uma exclusão da escola, pois, além de não perceberem essas manifestações como algo a ser pensado, utilizam seus preconceitos ao ritmo, à letra e à sensualidade, presentes no gênero musical, para justificar as suas práticas “educativas”. (SOARES, 2019, p. 47).

Revertendo essa situação e levando o *funk* para as escolas, podemos, então, analisar e problematizar suas letras, conhecer como esse ritmo nasceu no País e discutir, paralelamente, com os alunos sobre desigualdades sociais, racismo, empoderamento feminino e afins. Inclusive fazendo um diálogo direto com a Lei 10.639/2003⁴, que inclui as relações étnico-raciais nas escolas do País inteiro, valorizando a cultura negra em sala de aula.

[...] penso ser necessário trabalhar com alunos temáticas que lhes permitam empoderamento, valorizando-os a partir de suas vivências e culturas. [...] A escolha do funk deu-se em diálogo com a Lei 10.639/2003, que inseriu o ensino das relações étnico-raciais nos currículos de ensino. Além das diversas discussões relacionadas à criminalização das culturas negras, o funk traz para o debate questões de gênero, desigualdades sociais e a construção de estereótipos. (RIBEIRO, 2018, p. 16).

Portanto, vencendo alguns desafios que a escola mesmo pode colocar para a utilização desse ritmo, podemos, finalmente, enriquecer a aula e fazendo com que os alunos se sintam valorizados, levando em consideração que esse ritmo é escutado diariamente por eles.

4. **FUNK NA SALA DE AULA**

Agora, é necessário trazer o tema efetivamente para a sala de aula. Mas como o professor pode fazer isso? Segundo Bittencourt (2008) primeiramente é necessário que o educador/mediador faça

⁴ Lei 10.639/2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 20 set. 2021.

aflorar as representações sociais que os discentes possuem sobre o tema trabalhado, para organizar melhor os conteúdos e escolher melhor os materiais didáticos adequados. Com isso, os alunos irão fazer uma exposição, criando condições para identificar diferentes tipos de conhecimento, proveniente de suas vivências.

Portanto, seria interessante, fazer um levantamento prévio com os alunos sobre o tema trabalhado. Questionamentos como: qual a proximidade do *funk* com a história? Como vocês acham que pode ser trabalhado o *funk* nessa disciplina? Qual a relação do *funk* com a comunidade? Isso traria algumas reflexões importantes para a introdução do tema.

Uma forma de abordar esse gênero musical seria relacioná-lo com alguns temas transversais como o racismo, desigualdades, machismo. Podemos falar sobre como se deu a chegada do ritmo ao Brasil e as motivações pelas quais ele tem sido tão rejeitado, explicando que, por ser elemento de manifestações culturais vindas da periferia, historicamente foi e é rejeitado pela cultura branca. Seria interessante trazer para a sala de aula um trecho de música que pode ilustrar para os alunos esses elementos. Como exemplo, temos a música *MC não é bandido*, cantada pelo MC Ryan SP:

Mãe, te peço desculpas pelo tal constrangimento.
Não fiz nada errado, eles estão me confundindo
Propagando ódio contra o nosso movimento.
Sou mestre de cerimônia, e não bandido.
Sei, nossa vitória incomodou, mas ninguém passou a visão que nós passou.
Quase 200 milhões de views e o troféu revelação do ano eu conquistei.
Olha lá na mídia que os favela evoluiu.
Não tornaram em vão tudo o que sonhei.
É a vida [...] e a favela chora.
Aí complica, mais um diae minha barriga ronca [...]
O povo preto necessita da melhora. (MC Ryan SP, 2021).

Fazendo uma interpretação acerca da música trabalhada, o cantor fala que é mestre de cerimônia, e não bandido, e que a favela evoluiu, mostrando o que foi citado anteriormente sobre o preconceito existente com o ritmo, que os MC's, por terem uma vivência nas favelas, são "foras da lei". Ele fala, ainda, sobre as desigualdades sociais, quando diz que a "favela chora" e a "barriga ronca", citando que o povo negro precisa de melhoras, fazendo uma denúncia. Tudo isso pode gerar um debate em sala de aula e ser associado a temas da história, como a valorização da cultura negra que está disposta no plano curricular dos estudantes.

Igualmente pode ser aberto um debate sobre o machismo nas músicas e porque somente o *funk* é criticado.

O funk por muito tempo também foi – e ainda é – duramente criticado por conter algumas letras consideradas de cunho machistas, com conteúdo que objetifica a mulher e a reduz como uma simples fornecedora de prazeres sexuais [...] a crítica que é feita à música em questão poderia ser direcionada a diversas outras músicas já escritas, seja ela o sertanejo, o rock, o samba ou até mesmo a MPB, o que nos leva a refletir que, até nesse aspecto, o funk é sempre penalizado e criminalizado, enquanto os outros gêneros musicais permitem interpretações e uso da liberdade poética. (OLIVEIRA, 2017, p. 49).

Isso nos gera uma outra discussão, sobre o que torna o *funk* pior do que a MPB, sertanejo ou *rock*. A diferença seria nas letras machistas? Mas não existem letras consideradas machistas em todos os gêneros musicais citados acima? Isso tem a ver com o fato de o *funk* vir das favelas do País?

Por isso é importante a utilização de outros métodos de ensino de história que fujam do livro didático, pois, apesar de ser muito importante, pode gerar desinteresse. A música traz reflexões sobre assuntos transversais importantes para os estudantes e discussões relevantes, tirando professor e aluno da “caixinha” do ensino tradicional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo que foi abordado, podemos concluir que o *funk* brasileiro, apesar de ser um produto importado, é bastante valorizado nas comunidades periféricas do País, sendo um ritmo que ganhou força por todo o Brasil e chegando ao patamar de patrimônio cultural imaterial. Mesmo com esse crescimento, ele ainda é bastante discriminado por uma parcela da população, justamente por vir de manifestações culturais da favela, sendo associado ao crime, tráfico e à pobreza.

Justamente por haver esse preconceito enraizado, alguns colégios se mostram resistentes a adicionar esse tema nas salas de aulas. Além disso, as escolas brasileiras ainda têm um ensino muito positivista, e não aceitam que seus estudantes possuam uma personalidade e vivência própria, deixando de considerar suas particularidades. Apesar de tudo isso, é preciso enfrentar esse desafio, tornando o ensino de história um elemento de valorização das vivências e culturas dos estudantes.

O *funk* entra nesse meio, aproximando professores e enriquecendo a aula com debates importantes e que têm muita proximidade com o currículo de história. Ademais, podemos aí conhecer mais a fundo a história de um ritmo importado, mas, a propósito, muito brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ARNODLT, Jason Patrick. **Transformações no carioca (1980-2017):** cenário sócio-histórico e cultural, hibridismos e principais personagens. Dissertação (Mestra em Música) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/10045/5/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o%20-%20Jason%20Patrick%20Arnoldt%20-%202019.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e métodos.– 2ª. ed, - São Paulo: Cortez, 2008.
- BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e política pública. **São Paulo em perspectiva**, 15(2), 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200011>. Acesso em 20 set. 2021.
- BRASIL. **Lei 10.639/2003.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 20 set. 2021.
- COUTINHO, Reginaldo Aparecido. A elevação do funk carioca a “patrimônio cultural”: cotidiano e embates sociais e políticos em torno da Lei 5543/2009. **Antíteses**, v. 8, n. 15, p. 520 - 541, jan./jun. 2015.
- DAVID, Célia Maria. **Música e ensino de história:** uma proposta, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46189/1/01d21t06.pdf>. Acesso em: 19 de ago. 2021.
- MALDONADO, Heder. **Por que Rennan da Penha e o Baile da Gaiola causam tanta polêmica?** Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/entretenimento.r7.com/musica/por-que-rennan-da-penha-e-o-baile-da-gaiola-causam-tanta-polemica-05102019%3famp>. Acesso em: 19 set. de 2021.
- MC Não é bandido. Intérprete: Mc Ryan SP. Compositores: 2n. São Paulo: GR6 Music, 2021.
- MORETTO, Julien. **Tudo acaba em funk:** um documentário sobre a apropriação da cultura do funk. Trabalho de conclusão de curso [graduação] – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências e Humanas. Curso de Comunicação Social – Relações Públicas, RS, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2080/Moretto_Julien.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 19 set. 2021.
- OLIVEIRA, Lucas Costa. **Funk, a voz do morro que arrebatou o asfalto:** culto a violência ou denúncia das condições de subsistência? / Lucas Costa Oliveira. – Macaé, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/4978?mode=simple>. Acesso em: 19 set. de 2021.
- RIBEIRO, Erika Minas. **História Oral e História do Funk na escola:** / Erika Minas Ribeiro; Samantha Viz Quadrat, orientador. Niterói, 2018.

Rio de Janeiro. **Lei Estadual n. 5543, de 22 de setembro de 2009.** Disponível em: http://www.tjrj.jus.br/c/document_library/get_file?uuid=2cdb1f42-ddeb-41f1-ad6d-bc819a3dbfde&groupId=10136. Acesso em: 20 set.2021.

SANTOS, Rosana de Menezes. O uso da música nas práticas de ensino de história. **Caderno de graduação Ciências Humanas e Sociais Unit**. Aracaju. v. 2, n.2, p. 161-171, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1687/961>. Acesso em: 19 set. 2021.

SOARES, Deivid de Souza. **Os jovens e o funk na educação de jovens e adultos [manuscrito]:** (im)possibilidades de diálogo intercultural / Deivid de Souza Soares – 2019.

Data de submissão: 26/01/2022
Data de aprovação: 05/04/2022